

ELOGIO DE HELENA DE GÓRGIAS

Gabrielle Cavalcante (UFC)

INTRODUÇÃO

O *Elogio de Helena* é, provavelmente, o texto de Górgias mais traduzido e/ou citado entre os comentadores do autor, seja por um viés mais filosófico ou literário. O tema do discurso é, portanto, bem conhecido: trata-se de um elogio feito à Helena com o intuito de isentá-la da culpa de ter causado a guerra entre gregos e troianos e provar sua inocência, mostrando que qualquer uma das quatro razões (necessidade do destino, violência física, persuasão do discurso ou força do amor) que a teriam feito seguir Páris é suscetível de inocentá-la. Helena, então, é ainda mais conhecida – amada e odiada – que seu elogio, de modo que nos absteremos de uma apresentação da personagem, pois como diz o próprio Górgias em seu texto, “dizer aos que sabem aquilo que sabem tem credibilidade, mas não traz contentamento” (§ 5).

O discurso de Górgias está dividido em 21 parágrafos; nos §§ 1-2 Górgias expõe suas intenções ao escrever o discurso: livrar Helena da acusação demonstrando que os que a censuram se enganam; nos §§ 3-5 é feita uma rápida apresentação da personagem, exaltando sua linhagem e beleza; nos §§ 6-7 estão os dois primeiros possíveis motivos que fizeram Helena seguir Páris: a necessidade do destino e/ou vontade dos deuses e um sequestro violento; os §§ 8-14 são a mais extensa parte do texto, onde

Górgias, ao expor a terceira possível causa (a persuasão do discurso), tece seu famoso elogio aos poderes do *logos*; nos §§ 15-19 expõe a quarta causa, que seria a força do amor, e finalmente encerra com os §§ 20-21 afirmando ter cumprido o que estabeleceu no início.

O texto do *Elogio de Helena* foi encontrado em apenas dois manuscritos: um do século XII, o *Palatinus Heidelbergensis*, nº 88 (denominado X); e outro do século XIII, o *Crippsianus* ou *Burneianus*, nº 75 (denominado A). Para nossa tradução consultamos algumas edições do texto, mas optamos por traduzir o texto grego estabelecido por Macdowell (1982).

ELOGIO DE HELENA DE GÓRGIAS

(1) Ordem para a cidade é a virilidade dos homens, para o corpo a beleza, para a alma a sabedoria, para a coisa feita a excelência, para o discurso a verdade; o contrário disso é desordem. Homem, mulher, discurso, ato, cidade, coisa, ao que é digno de louvor é preciso honrar com louvor, e ao que é indigno imputar censura; pois, censurar o louvável e louvar o censurável constitui um igual erro e ignorância.

(2) E cabe ao mesmo homem dizer com retidão o que é preciso e refutar ***¹ os que censuram Helena, mulher acerca da qual tornou-se uma só voz e uma só alma a crença dos que ouvem os poetas e o rumor do nome, que se tornou memória de infortúnios. E eu quero, dando certa lógica ao discurso, cessar a acusação daquela sobre a qual se ouve tanta injúria, demonstrar que os que a censuram mentem, mostrar a verdade e pôr fim à ignorância.

¹ Alguns editores suspeitam de uma lacuna neste lugar, como, por exemplo, Dobree, Weidner e Diels. Seguimos o texto de Macdowell e não consideramos nenhuma das opções por crermos que a frase esteja completa assim como está.

(3) Que, por natureza e estirpe, a mulher em torno da qual esse discurso gravita está entre os primeiros dentre os primeiros homens e mulheres, não é imperceptível sequer para poucos. Pois, é evidente que a mãe era Leda, e o pai que gerou era um deus enquanto o que foi declarado, um mortal: Tíndaro e Zeus, dos quais um, por ser, foi reputado e o outro, por dizer, foi contestado; um foi o mais poderoso dos homens, e o outro, o soberano de tudo.

(4) E, tendo sido gerada assim, obteve a beleza igual à dos deuses, que ela tomou e não manteve escondida; em muitíssimos produziu muitíssimos desejos de amor, e com um só corpo reuniu muitos corpos de homens que pensavam grande sobre coisas grandiosas, dos quais uns possuíam uma grandeza de riquezas, outros a boa reputação de uma antiga linhagem nobre, outros a boa condição do próprio vigor, outros a capacidade de uma sabedoria adquirida; e todos vinham pelo amor que almeja a vitória e pelo invencível gosto da honra.

(5) Quem, por que e como saciou o amor ao tomar Helena, não direi: pois, dizer aos que sabem aquilo que sabem tem credibilidade, mas não traz contentamento. E tendo ultrapassado o tempo de então por meio do discurso, avançarei ao princípio do discurso que segue e proporei as causas pelas quais seria verossímil ter surgido a viagem de Helena para Tróia.

(6) Pois, ou pelas intenções do acaso, pelos desígnios dos deuses e pelos decretos da necessidade ela fez o que fez, ou por ter sido arrebatada com violência, ou persuadida pelas palavras, <ou capturada pelo amor>². Se foi pela primeira causa, merece ser responsabilizado aquele que foi responsável: pois, o desejo de um deus é impossível obstruir com a providência humana.

² É uma referência marginal que se encontra apenas em cópias tardias e não consta nos manuscritos A e X. Foi provavelmente inserida por algum copista para antecipar a argumentação que se desenvolverá em§ 15-19. Entretanto, a maior parte dos editores e tradutores que consultamos aceita essa inserção. Optamos por também mantê-la, mas em destaque para indicar que se trata de um acréscimo ao manuscrito original.

É natural que o mais forte não seja obstruído pelo mais fraco, mas que o mais fraco seja comandado e conduzido pelo mais forte, que o mais forte comande e o mais fraco siga. E um deus é superior a um humano em força, sabedoria e em outras coisas. Portanto, se se deve atribuir a causa ao acaso e a um deus, deve-se libertar Helena da desonra.

(7) Se foi arrebatada com violência, ilegalmente violentada e ultrajada com injustiça, é evidente que o raptor, ao ultrajá-la, cometeu injustiça e que a raptada, ao ser ultrajada, foi desafortunada. Acontece que o bárbaro que empreendeu um empreendimento bárbaro, merece, pelo discurso, pela lei e pelo ato ser responsabilizado; pelo discurso, a acusação; pela lei, a desonra; pelo ato, a punição. Mas, a que foi violentada, privada da pátria e afastada de seus queridos, como, com verossimilhança, não seria mais lamentada do que insultada? Pois ele fez coisas terríveis e ela as sofreu: é justo, então, lastimá-la e odiá-lo.

(8) Se foi o discurso o que a persuadiu e iludiu sua alma, também não é difícil falar em sua defesa e destruir a acusação da seguinte forma: o discurso é um grande soberano que, por meio do menor e mais imperceptível corpo, concretiza os atos mais divinos, pois ele pode cessar o medo, afastar a dor, produzir a alegria e aumentar a compaixão. E mostrarei como essas coisas são assim.

(9) É preciso mostrar aos ouvintes também por meio de uma opinião: considero e nomeio toda a poesia um discurso com medida; naqueles que a escutam invade um tremor pavoroso, uma compaixão lacrimosa e uma aflição lutuosa, e por meio das palavras, a alma sofre uma afecção própria diante das fortunas e reveses dos atos e corpos de outros. Passemos, então, de um a outro modificando o discurso.

(10) As encantações inspiradas pelos deuses, por meio das palavras, vêm trazer o prazer e afastar a dor; pois o poder do encantamento, ao misturar-se com a opinião da alma, a seduz, a persuade e a modifica como que por feitiçaria. Foram encontradas as artes duplas da feitiçaria e da magia, as quais podem ser os erros da alma e as ilusões da opinião.

(11) Quantos persuadiram e persuadem tantos a respeito de tantas coisas, modelando um falso discurso. Pois se todos, acerca de tudo, tivessem a memória do que passou, a <noção> do presente e a previsão do futuro, o discurso sendo o mesmo, não iludiria de um mesmo modo. Mas agora não é fácil lembrar o que passou, nem examinar o presente, nem profetizar o futuro; de modo que a maioria, sobre a maioria dos assuntos oferece à alma a opinião como conselheira. E a opinião, sendo vacilante e insegura, lança em sortes vacilantes e inseguras os que se servem dela.

(12) Então, que causa impede que Helena, não sendo jovem, fosse de modo semelhante a como se houvesse sido tomada pela violência dos violentos? Certamente é possível ver que a persuasão tem poder; ela não possui a aparência da necessidade, mas tem sua potência. Pois o discurso que persuadiu a alma, força aquela que persuadiu a confiar nos ditos e a concordar com os feitos. Portanto, o que persuadiu, porque força, comete injustiça, enquanto a que foi persuadida, por ter sido forçada pelo discurso, erradamente ouve maledicências.

(13) Que a persuasão, adicionada ao discurso, imprime na alma o que quer, é preciso saber, primeiro, pelas palavras dos meteorólogos, os quais, opinião contra opinião, ora eliminando uma, ora produzindo outra, fizeram aparecer coisas inacreditáveis e imperceptíveis aos olhos da opinião; segundo, pelos combates constrangedores por meio das palavras, nos quais um só discurso, tendo sido escrito com arte, mas não dito com verdade, deleita

e persuade uma numerosa multidão; terceiro, pelos debates de palavras dos filósofos, nos quais também se mostra a rapidez do conhecimento, que faz mutável a confiança da opinião.

(14) Existe uma mesma relação entre o poder do discurso para a disposição da alma e a disposição dos fármacos para a natureza dos corpos. Pois, assim como dentre os fármacos, uns expulsam do corpo certos humores, uns cessam a doença e outros a vida, assim também, dentre os discursos, uns afligem, outros deleitam, uns amedrontam, outros incitam a coragem nos ouvintes, e alguns, por meio de uma má persuasão, drogam e enfeitiçam a alma.

(15) E que, se foi persuadida pelo discurso, não foi injusta, mas infortunada, está dito. Passo à quarta causa com a quarta parte do discurso. Pois se foi o amor que fez tudo isso, não dificilmente ela escapará à responsabilidade do erro que, diz-se, cometeu. Pois, aquilo que vemos possui uma natureza, não a que queremos, mas a que aconteceu de cada um ter; e por meio da visão, a alma é marcada até no que lhe é típico.

(16) Por exemplo, se a visão contemplar corpos inimigos e a ordenação inimiga com armamentos de bronze e ferro, um para defesa e outro para o ataque, ela se desorganiza e desorganiza a alma, de modo que, muitas vezes, havendo um perigo futuro, fogem atingidos pelo pavor. Pois a forte verdade do sofrimento instala-se através do medo transmitido pela visão, que, tendo chegado, faz descuidar daquilo que é julgado belo pela lei e do bem que veio pela justiça.

(17) E alguns, tendo visto coisas terríveis, perdem nesse preciso momento o senso do presente, de tal modo que o medo apaga e expulsa o pensamento. E muitos caíram em inúteis sofrimentos, terríveis doenças e incuráveis loucuras, de tanto que a visão inscreveu no pensamento as

imagens das coisas vistas. E, certamente, são omitidas muitas coisas que assustam, mas as omitidas são semelhantes àquelas ditas.

(18) Mas os pintores quando, partindo de muitas cores e corpos, acabam por produzir com perfeição um corpo e figura únicos, deleitam a vista. O produzir estátuas de homens e o talhar esculturas de deuses apresentam aos olhos uma doença prazerosa. Assim, tanto sentir dor como desejar são naturais à visão. E muitas coisas, em muitos, produzem amor e desejo de muitas coisas e corpos.

(19) Se, então, o olho de Helena, tendo sentido prazer no corpo de Alexandre, provocou o desejo e a avidez do amor em sua alma, o que há de espantoso? Se o amor é um deus, e possui o poder divino dos deuses, como um inferior poderia afastá-lo e resistir a ele? E, se é uma enfermidade humana e uma ignorância da alma, não se deve censurar isso como erro, mas considerar como infortúnio. Pois veio como veio, pelas armadilhas do acaso, não pela decisão do discernimento, e pela necessidade do amor, não pelos preparativos da arte.

(20) Como, então, se deve considerar justa a censura de Helena que, fez o que fez ou dominada pelo amor, ou persuadida pelo discurso, ou tomada com violência, ou constrangida pela necessidade divina e escapa à acusação em todos os casos?

(21) Com o discurso retirei a má reputação da mulher, permaneci na lei que fixei no princípio do discurso, tentei dissipar a injustiça da censura e a ignorância da opinião, quis escrever o discurso para ser de Helena, um elogio, e para mim, um jogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIELS, Hermann; KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*, vol. 2. Berlin: Weidmann, 1922.
- DONADI, Francesco. *Gorgia. Encomio di Elena*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider, 1982.
- GÓRGIAS. Górgias de Leontinos. Aldo Dinucci (org.). São Paulo: Oficina do Livro, 2017.
- GÓRGIAS, "Elogio de Helena". Tradução, introdução e comentários de Maria Cecília Miranda Coelho. In: *Cadernos de Tradução*, nº 4. São Paulo: EDUSP, 1999.
- GÓRGIAS, *Encomio de Helena*. Trad. María Cristina Davolio y Graciela Elena Marcos. Buenos Aires: Ediciones Winograd, 2011.
- MACDOWELL, Douglas M. *Gorgias. Encomium of Helen*. Bristol: Bristol University Press, 1982.
- UNSTERSTEINER, Mario. *Sofisti, Testimonianze e Frammenti*. Fascs. 2. Firenze: La Nuova Italia, 1949.
- SOFISTAS. *Testemunhos e Fragmentos*. Trad. Port. Ana Maria Alexandre Alves de Sousa e Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.